

Salão do Livro de Torino, 12 de maio de 2014

Apresentação do livro (em italiano) de

Jorge Mario Bergoglio / Francisco

A BELEZA EDUCARÁ O MUNDO

EDITRICE MISSIONARIA ITALIANA, 2014

por Julián Carrón

Presidente da Fraternidade de Comunhão e Libertação

A educação é o grande desafio que todos têm diante de si. Não é à toa que se fala de “emergência educativa”. Educar sempre foi decisivo para introduzir as novas gerações à vida. O que há, agora, que é diferente do passado? Por que, hoje, se fala em termos tão dramáticos de emergência educativa? Somente se respondermos a estas perguntas poderemos compreender o alcance das contribuições que Papa Francisco ofereceu a este respeito, quando ainda era Arcebispo de Buenos Aires.

Qual é o desafio que temos diante de nós? Num artigo publicado em *La Repubblica*, alguns anos atrás, sobre a geração dos jovens de hoje, com o título “Os eternos adolescentes”, Pietro Citati escrevia: “Há um tempo, as pessoas se tornavam adultas muito rápido. Hoje, há uma corrida contínua em direção à imaturidade. Há um tempo, um jovem se tornava maduro a todo custo, conquistar a maturidade era uma renúncia. Os jovens de hoje não sabem quem são. Talvez não queiram saber. Perguntam-se sempre qual seria o eu deles, amam a indecisão! Nunca dizer sim ou não: parar sempre diante de uma soleira que, talvez, nunca se abrirá. Não têm vontade, não desejam agir. Preferem ficar passivos e vivem envolvidos num misterioso torpor. Não amam o tempo. O único tempo deles é uma série de átimos, que não são ligados a uma cadeia ou organizados numa história”¹.

A este artigo se seguiu uma resposta de Eugenio Scalfari, também no *La Repubblica*, que sustentava que, nestes jovens, a ferida consistiu na perda da identidade e da memória: “A ferida foi o silêncio dos pais, muito empenhados com a conquista do sucesso e do poder. A ferida foi o tédio, o tédio invencível, o tédio existencial que matou o tempo e a história, as

¹ Citati, P. Gli eterni adolescenti. *La Repubblica*, 2 de agosto de 1999, p. 1.

paixões e as esperanças. Não vejo neles aquela profunda melancolia que há nos jovens rostos do Renascimento pintados por Tiziano. Eu vejo olhos estupefatos, estáticos, atordoados, fugidios, ávidos sem desejo, solitários no meio da multidão que os contém. Eu vejo olhos desesperados. [...] Eternas crianças. [...] Uma geração desesperada [...] que avança. Tentam sair daquele vazio de plástico que os circunda e sufoca. A sua salvação está apenas em seus corações. Nós podemos apenas olhar para eles com amor e apreensão”².

Um educador, com uma longa experiência de relacionamento com os jovens, Luigi Giussani, usava uma imagem para descrever este “misterioso torpor”: “É como se todos os jovens de hoje tivessem sido investidos [...] pelas radiações de Chernobyl: o organismo, estruturalmente, está como antes [não se vê nem uma mudança aparente], mas dinamicamente não é mais o mesmo. [como se o organismo não tivesse mais energia, pelo efeito das radiações] [...] É como se não houvesse mais nenhuma evidência real para além da moda, porque a moda é [um instrumento] um projeto do poder”³.

A consequência da fraqueza descrita é que, como diz Dom Giussani, “aquilo que se escuta e se vê não é verdadeiramente assimilado. O que nos circunda, a mentalidade dominante [...], o poder, cria [em nós] um estranhamento de nós mesmos” – é como se arrancassem de nós o nosso ser. “De um lado, ficam abstratos no relacionamento consigo mesmos [não apenas com os outros, mas também consigo mesmos; basta pensar em quanto tempo uma pessoa é capaz de permanecer sozinha consigo mesma, por um momento de silêncio; fugimos logo, distraímos-nos logo; há como que uma incapacidade de ficarmos conosco mesmos como se estivéssemos em nossa própria casa], afetivamente descarregados.”⁴ O estranhamento de nós mesmos se torna estranhamento de tudo: nada consegue nos interessar verdadeiramente. E, então, o desinteresse assume o controle.

Não podemos imaginar responder a esta situação com regras ou com apelos éticos, porque já se demonstraram ineficazes. Não conseguem colocar em movimento o sujeito que será educado, não são capazes de despertar o interesse do eu. E sem o movimento do eu não há educação.

De onde recomeçar, então, nesta situação? Apesar de tudo, no homem permanece aquele “ponto inflamado” do espírito de que falava Cesare Pavese⁵. E é em torno deste ponto inflamado que pode rodar uma proposta verdadeiramente correspondente ao humano. Papa

² Scalfari, E. Quel vuoto di plastica che soffoca i giovani. *La Repubblica*, 5 de agosto de 1999, p. 1.

³ Giussani, L. *L'io rinasce in un incontro (1986-1987)*. Milano: BUR, 2010, pp. 181-182.

⁴ *Idem*.

⁵ Cf. Pavese, C. A Rosa Calzecchi Onesti, 14 giugno [1949]. In: Pavese, C. *Lettere 1926-1950* (v. 2). Torino: Einaudi, 1968, p. 655.

Francisco percebeu isto muito bem, identificando com clareza qual é o ponto inflamado: “O homem não é um ser tranquilo em seus próprios limites, mas sim um ser ‘em caminho’ [...] e quando não entra nesta dinâmica, se anula como pessoa ou se corrompe. Colocar-se em caminho se deve a uma inquietude interior que impulsiona o homem a ‘sair de si’. [...] Há algo, fora e dentro de nós, que nos chama a cumprir o caminho”⁶. Aquela inquietude, de agostiniana memória, permanece no fundo do ser do homem.

Esta inquietude é origem do desejo, o ponto inflamado do coração.

Mas, sempre está em ação a tentativa de anestésiar o desejo: “Os sistemas mundanos tentam aquietar o homem, anestésiar seu desejo de se colocar em caminho, com propostas de posse e consumo [...]. Neste mundo, o homem é alienado pela possibilidade de reconhecer e escutar o mais profundo desejo do seu coração. Chama a atenção a grande quantidade de ‘álibis’ que manipulam o desejo [...] e oferecem, em troca, uma paz aparente. [...] Gula, luxúria, avareza, ira, inveja, tristeza, acídia, vanglória, soberba. [...] São, certamente, pretextos, escapatórias que escondem outra coisa: o medo da liberdade [...]. Servem de refúgio. O fundamentalismo se organiza a partir da rigidez de um pensamento único, no interior do qual a pessoa se protege das instâncias que desestabilizam (e das crises) em troca de certo quietismo existencial”⁷.

Neste contexto, o então arcebispo Bergoglio advertia os educadores de que é preciso prestar atenção para não utilizar nenhum dos instrumentos educativos para reduzir o desejo: “A disciplina é um meio, um remédio necessário para o serviço da educação integral, mas não pode se transformar numa mutilação do desejo. [...] O desejo se contrapõe à necessidade. Esta última é satisfeita tão logo a carência é preenchida; o desejo, pelo contrário, é a presença de um bem positivo e sempre cresce, se estrutura e coloca em movimento em direção a um ‘a mais’. O desejo de verdade caminha ‘de encontro em encontro’”⁸.

O conhecido psicanalista Massimo Recalcati observa, a propósito, que “o desejo não pode ser arrancado com a mera satisfação das necessidades, mas se revela diverso do desejo animal exatamente na medida em que é animado por uma transcendência que o abre ao inédito, ao ainda não conhecido, ao ainda não pensado, ao ainda não visto”⁹.

⁶ Bergoglio J.M./Francisco. *La bellezza educherà il mondo*. Bologna: EMI, 2014, p. 8.

⁷ *Idem*, pp. 14-15.

⁸ *Idem*, pp. 12-13.

⁹ Recalcati, M. *Il complesso di Telemaco*. Milano: Feltrinelli, 2013, p. 114.

Portanto, o grande desafio para um educador é exatamente como despertar o desejo. “Como ensinar os nossos alunos a não ter medo de buscar a verdade? Como educá-los à liberdade? [...] Como fazer que os nossos jovens [...] se tornem ‘inquietos’ na busca?”¹⁰

Há apenas um modo: introduzindo os jovens ao relacionamento com a realidade.

Porém, os jovens não estão interessados neste relacionamento, por causa daquele misterioso torpor que se torna tédio invencível.

Por que falta este interesse? Por que é tão difícil que os jovens se interessem por algo no real? Por que é tão difícil encontrar adultos que, com quarenta ou cinquenta anos, não sejam já céticos?

Dom Giussani escreve: “As capacidades que temos não só não se fizeram por si, mas também não se traduzem em atos por si sós. São como um carro que, além de ter sido construído por outros, precisa também de um outro que o coloque em movimento. Em uma palavra: qualquer capacidade humana deve ser provocada, solicitada, para colocar-se em ação”¹¹.

Qual é o problema? Uma filósofa espanhola, María Zambrano, ajuda a entender o alcance da situação: “O que está em crise é o nexos misterioso que une o nosso ser com o real, algo de tão profundo e fundamental que é o nosso mais íntimo sustento”¹². O que está em crise é o nexos com o real. E isto se vê pelo fato que não consegue interessar, que o real não é capaz tantas vezes de arrastar o eu. E, por isso, se não há nada que verdadeiramente nos interesse, o tédio vence. Porque sem que nada possa interessar, sendo este relacionamento com o real o sustento do eu, da pessoa, resta apenas o tédio.

Parece paradoxal, porque hoje ninguém diria que os jovens não se interessem por nada. Pelo contrário, parecem interessar-se por tudo, nunca como agora têm tantas possibilidades; por que, então, acabam na passividade e no tédio? Porque, sem significado, a realidade perde o seu interesse. Eis, portanto, o objetivo de uma educação adequada para a gravidade do problema: educar é introduzir o jovem à realidade total.

Papa Francisco, no sábado passado, indicou isto ao mundo da escola: “Amo a escola porque é sinônimo de abertura à realidade. [...] Ir para a escola significa abrir a mente e o coração para a realidade, na riqueza dos seus aspectos, das suas dimensões. E nós não temos direito de ter medo da realidade!”¹³.

¹⁰ Bergoglio J.M./Francisco. *La bellezza educerà il mondo*. op. cit., p. 17.

¹¹ Giussani, L. *O senso de Deus e o homem moderno*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1997 p. 25.

¹² Cf. Zambrano, M. *Hacia un saber del alma*. Madrid: Alianza, 1993.

¹³ Francisco. *Encontro com o mundo da escola italiana*, 10 de maio de 2014.

Como é possível entender, este é um problema que implica a todos – associações, escolas, Igreja, partidos políticos –, porque não se trata de um problema particular, mas do problema dos problemas: como restabelecer o nexos com o real, se há algo capaz de despertar o interesse do eu. Para interessar, é preciso uma educação que introduza ao real. Jungmann definia a educação como “introdução à realidade total”¹⁴. Porque, sem afirmar o significado, uma pessoa não se interessa pela realidade. Por exemplo, se nós, adultos, presentearmos a criança com um brinquedo que ela vê pela primeira vez, se a deixarmos sozinha, se maravilhará diante daquilo; mas como pode ser introduzida a entender o que é aquele brinquedo? Comumente há as instruções de uso, que é como dizer à criança: “se o usar assim, vai aprender a usá-lo e, então, poderá tirar proveito de como funciona”. Seria desumano presentear uma criança com um brinquedo e não introduzi-la ao seu funcionamento. Sem oferecer-lhe uma hipótese de como se usa, a abandonaremos às suas reações: choro, tédio.

A incapacidade de introduzir à totalidade da realidade não é indiferente para a nossa relação com ela. Einstein dizia: “Quem não admitir o mistério insondável não poderá ser nem mesmo um cientista”¹⁵. Sem perceber o significado, a realidade não nos comove ao ponto de se tornar interessante. Esta é a origem do niilismo, daquela postura que acaba no tédio porque nada desperta o meu interesse. Pensávamos que a realidade pudesse continuar a ser atraente sem significado, reduzida apenas à transmissão de conhecimentos, de dados, mas isto não bastou para continuar a interessar aos jovens. E aos adultos. Com a realidade reduzida a nada, sem significado, apareceu uma nova forma de niilismo, sobre a qual o grande filósofo Augusto Del Noce chamou a atenção anos atrás: “O niilismo hoje corrente é o niilismo gaio, [no sentido que] é sem inquietude (talvez se poderia [até mesmo] defini-lo pela supressão do *inquietum cor meum* agostiniano)”¹⁶. Não se desperta o desejo, não se desperta a curiosidade. Ora, somente quem consegue se interessar poderá dar uma contribuição para a situação dramática na qual nos encontramos.

De onde recomeçar, portanto? Da realidade. Mas a realidade não pode ser reduzida à aparência, porque, do contrário, nos cansará, fará com que nos tornemos áridos, porque não consegue nos tomar, nos interessar por muito tempo.

A realidade desperta um interesse pela atratividade da beleza. Jorge Mario Bergoglio reconhecia isso: “Quantos racionalismos abstratos e moralismos ‘extrinsecistas’ seriam

¹⁴ Jungmann, J. A. *Christus als Mittelpunkt religiöser Erziehung*. Freiburg im Breisgau: Herder & Co. G.M.B.H. Verlagsbuchhandlung, 1939, p. 5.

¹⁵ Einstein *apud* Severi, F. Scopiò cinquant’anni fa la “rivoluzione” di Einstein. *Il Corriere della Sera*, 20 de abril de 1955.

¹⁶ Del Noce, A. *Lettera a Rodolfo Quadrelli*. Inedito, 1984.

curados [...] se começássemos a pensar a realidade em primeiro lugar como bela, e só depois como boa e verdadeira!”¹⁷.

Sempre falando para o mundo da escola, Papa Francisco disse que ela “educa ao verdadeiro, ao bem e ao belo. Todos os três caminham juntos. A educação não pode ser neutra. Ou é positiva ou é negativa; ou enriquece ou empobrece; ou faz a pessoa crescer ou a deprime, pode até mesmo corrompê-la. [...] A missão da escola é desenvolver o sentido do verdadeiro, o sentido do bem e o sentido do belo. E isto acontece através de um caminho”¹⁸.

A realidade suscita perguntas. Lembro ainda, depois de tantos anos, a impressão que tive quando levei meus alunos da escola ao Planetário de Madrid. Depois da visita, voltamos para a escola e comecei a perguntar o que os havia impressionado mais em todas as coisas vistas, as estrelas, as galáxias etc. Ninguém havia ficado tocado com o número de estrelas, ou mesmo se perguntava sobre quantas galáxias existam; mas todos, tocados com o que haviam visto, encheram o quadro negro de perguntas como estas: mas quem fez tudo isso? Somos nós os senhores disso? Qual é o sentido de tudo isso? Qual é o objetivo de tudo isso?

Este é o problema: que tenhamos sido presenteados com brinquedo mais bonito que é a vida, todo o cosmos, mas não viemos ao mundo com as instruções de uso debaixo do braço. Por isso, nos perguntamos como se faz para viver, como se aprende a gozar da vida, como se aprende a enfrentar adequadamente a realidade, para que a vida seja verdadeiramente vida, intensamente vivida, fascinante de ser vivida.

É preciso uma hipótese de trabalho: “Educar para a busca da verdade, por isso, exige um esforço de harmonização entre conteúdos, hábitos e avaliações. [...] Para alcançar tal harmonia não são suficientes as informações ou as explicações. [...] É necessário oferecer, mostrar uma síntese vital deles”¹⁹.

Neste nível, surge a necessidade de uma testemunha. Papa Francisco, de fato, diz: “Somente a testemunha pode fazer isso. Entramos, assim, numa das dimensões mais profundas e belas do educador: o testemunho. É esta última que consagra como ‘mestre’ o educador e o torna companheiro de estrada na busca pela verdade. A testemunha, com o seu exemplo, nos desafia, nos reanima, nos acompanha, nos deixa caminhar, errar e até mesmo repetir o erro, para que crescamos. Educar [...] exigirá de vocês, caros docentes, [...] ‘saber dar razões’, porém não apenas com explicações conceituais e conteúdos isolados, mas com comportamentos e juízos encarnados. [...] Tudo se torna interessante, atraente, e finalmente

¹⁷ Bergoglio J.M./Francisco. *La bellezza educherà il mondo*. op. cit., p. 23.

¹⁸ Francisco. *Encontro com o mundo da escola italiana*, 10 de maio de 2014.

¹⁹ Bergoglio J.M./Francisco. *La bellezza educherà il mondo*. op. cit., p. 24.

tocam as campainhas que despertam a sã ‘inquietude’ no coração dos jovens. O caso paradigmático do mestre-testemunha é Jesus mesmo”²⁰.

E Recalcati acrescenta: “Para a vida se fazer humana é preciso a presença presente do Outro. [...] Se este encontro não se verifica, a vida é exposta à dissociação do sentido, se mostra como vida sem sentido”²¹. De fato, “como acontece a transmissão do desejo de uma geração para outra? Através do testemunho encarnado de como é possível viver a vida com desejo”²².

Por isso, o testemunho não é possível sem que os educadores levem a sério, em primeiro lugar, a própria inquietude: “Educar é, por si só, um ato de esperança. [...] Caros educadores, [...] espero que a inquietude, imagem do desejo que move toda a existência do homem, abra o coração de vocês e os leve em direção à esperança que não trai. E que, como educadores, vocês se transformem em testemunhas autênticas, próximos na proximidade a todos”²³.

Sábado, em Roma, o Papa disse: “Os jovens entendem, têm ‘faro’, e são atraídos por professores que têm um pensamento aberto, ‘incompleto’, que buscam um ‘a mais’, e assim contagiam esta postura entre os estudantes”²⁴.

Disso nasce a nossa responsabilidade.

Para poder responder a ela é preciso não sucumbir à tentação de desesperar, como nos lembra ainda Papa Francisco: “A tentação é um convite a parar a marcha, a des-esperar. Como se faz para não cair, quando tantas e tantas utopias já caíram? [...] A tentação é séria e o seu poder real é bem conhecido de cada um daqueles que tenha seguido o próprio coração corajosamente. [...] Só este conhece a dificuldade e a profunda problematidade do seu desejo. [...] Neste contexto [...], cada educador é tentado a desesperar”²⁵.

Nós, adultos, devemos reconhecer que nem sempre estivemos à altura dessa exigência.

“Olhemos os jovens. [...] Nós os preparamos para grandes horizontes ou para o horizonte depois da esquina? [...] Queremos pedir perdão aos jovens porque nem sempre os levamos a sério. Porque nem sempre demos a eles os instrumentos para que o horizonte deles não se esaurisse depois da esquina, porque muitas vezes não fomos capazes de entusiasamá-los com horizontes mais amplos que os fizessem apreciar aquilo que receberam e que devem transmitir. Porque muitas vezes não soubemos fazê-los sonhar! [...] E quando os jovens veem em nós, dirigentes, um testemunho de vileza, então não têm a coragem de sonhar, então não

²⁰ *Idem*, pp. 24-25.

²¹ Recalcati, M. *Il complesso di Telemaco*, op. cit., p. 136.

²² *Idem*, p. 141.

²³ Bergoglio J.M./Francisco. *La bellezza educherà il mondo*, op. cit., pp. 35-36.

²⁴ Francisco. *Encontro com o mundo da escola italiana*, 10 de maio de 2014.

²⁵ Bergoglio J.M./Francisco. *La bellezza educherà il mondo*, op. cit., p. 10.

têm a coragem de crescer. [...] Se não formos capazes de testemunhar esta capacidade de horizonte e de trabalho, a nossa vida terminará numa esquina da existência, chorando lágrimas amargas sobre a nossa falha como educadores e como homens e mulheres”²⁶.

Concluo com as palavras do Papa Francisco, que soam como um apelo urgente para a responsabilidade: “Que eles [os jovens] possam aprender com o nosso testemunho – visto que se ensina mais com o exemplo que com as palavras – a fecunda cultura da vida. [...] Não são apenas as drogas que matam, não são apenas as drogas que geram a cultura de morte; também o fazem o egoísmo do coração de todos nós que temos a responsabilidade de educar, os nossos fechamentos, o desinteresse com o qual passamos ao lado de alguém que ficou preso nas margens da vida, sem ensiná-lo a sair da sua imobilidade para se aproximar da vida”²⁷.

²⁶ *Idem*, pp. 46-48.

²⁷ *Idem*, pp. 52-53.